

Em São Paulo, Operação 'Pancadão' reprime bailes na periferia

Fotos e texto

Vinicius Souza

e Maria Eugênia Sá *

Antes de falar sobre o fenômeno do funk em São Paulo, é preciso distinguir dois movimentos musicais homônimos. O primeiro é um estilo que vem dos anos 1970, com grande influência de bandas que misturaram o Rhythm and Blues, o Soul e a Disco Music para criar o funk, como o The Meters (atualmente Funk Meters). Seu principal expoente é o Funk Como Le Gusta, de onde saíram artistas que flertam com vários estilos, como a Negra Li. Esse tipo de funk de grande riqueza melódica e rítmica, no entanto, nunca teve muita aceitação nas periferias, onde o punk, o rock e, mais tarde, o rap e o hip hop sempre foram mais fortes.

Hoje nas comunidades, o funk que se ouve não tem origem nos EUA, mas nas periferias cariocas por meio da massificação midiática. Trata-se da batida repetitiva, conhecida como "pancadão", com letras altamente sexualizadas e cujo talvez único compositor de destaque em São Paulo seja MC Bola, do hit Ela é Top, Capa de Revista.

Mas são inúmeros os Disc Jockeys, que organizam suas setlists em notebooks mesclando composições vindas principalmente do Rio de Janeiro com outras internacionais de estilos diferentes, mas sempre com uma pegada para agitar as pistas, entremeadas por frases de estímulo à dança e pelo nome do DJ. E, na mesma batida, jovens com carros tunados e pen-drives com sucessos do momento como Bum Bum na Água, de MC Dede, repetidos incansavelmente no mais alto volume.



Bailes na periferia são reprimidos por perturbar a "ordem" e incitar sexo e uso de drogas e álcool, mas nos bairros chiques é tolerado apesar de ocorrer sob circunstâncias quase idênticas

É esse o funk cujos admiradores na periferia têm se tornado alvo de violenta repressão policial, amparados pela grande imprensa e pela elite econômica cujos filhos seguem curtindo sem problemas o mesmo som, no mesmo volume insano, com os mesmos elementos de álcool, sexo e drogas em ruas do centro da cidade. Ano passado, na esteira de outras ações higienistas contra usuários de crack e ativistas por moradia, a polícia paulista inaugurou a "Operação Pancadão", para coibir as festas de rua não autorizadas.

A primeira grande ação ocorreu logo em janeiro, com a apreensão de 27 menores, 17 carros e autuação de um bar pela Lei do Psu (que regula-

menta o barulho, mas também proíbe bares de periferia abertos depois da 1 hora da madrugada) no Jardim Capelinha, extremo sul de São Paulo. Turbinada pela Operação Delegada (que permite à prefeitura pagar um extra para Policiais Militares atuarem fardados em períodos de folga apoiando da Guarda Civil Metropolitana), diversas outras ações contra os bailes funk seguiram até perto das eleições. Nas comunidades, era comum associar o "rigor" da polícia com o calendário eleitoral municipal. "É pra mostrar serviço", diziam.

No segundo semestre de 2012, outra realidade tomou de assalto as comunidades: a volta das chacinas. Com o grande número de PMs assassi-

nados no estado depois de 29 de maio, quando a Rota matou seis supostos integrantes do Primeiro Comando da Capital (veja artigo em <http://bit.ly/V3FWen>), tornaram-se comuns as visitas de "motoqueiros fantasmas" (veja reportagem na última edição da Ideias em Revista, também em <http://bit.ly/YpchL6>) atirando a esmo nas favelas e bairros populares. Se já era perigoso ficar na rua até mais tarde, o risco se tornou ainda maior.

Em comunidades como Paraisópolis, desde novembro do ano passado a polícia tem entrado periodicamente nas madrugadas a força de bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo para obrigar o comércio a fechar as portas. No dia 12 de janeiro, por exemplo, segundo matéria publicada no Estadão (<http://bit.ly/W938Zh>), cinco viaturas invadiram o centro comercial do bairro, repleto de jovens nas sorveterias e pizzarias, disparando balas de borracha para todos os lados. Uma delas atingiu uma menina de 17 anos no olho esquerdo, deixando-a cega. Há pelo menos 40

relatos semelhantes documentados na Secretaria de Segurança de São Paulo. Na TV, por outro lado, as vítimas são os policiais (veja em <http://bit.ly/Yqbgm1>).

Para a “sociedade”, a polícia está apenas reprimindo o crime (durante a onda de ataques no ano passado, foi encontrada em Paraisópolis uma lista com nomes de PM que supostamente seriam assassinados), protegendo a juventude da má influência do ritmo e das letras pesadas, e garantindo a paz e o sossego aos moradores “trabalhadores” para que possam cumprir seus expedientes no dia seguinte. Já para o historiador Wilson Honório da Silva, “o argumento moralista pesa muito de um lado, o da periferia. Nas áreas ricas, a coisa é encarada com naturalidade. A cultura do pobre é criminalizada quando não reproduz aquilo e do jeito que o sistema quer”.

Não é à toa que o primeiro projeto do vereador do PSDB Coronel Telhada, um ex-comandante da Rota que recebeu a quinta maior votação da cidade em 2012, é a retomada e intensificação da Operação Pancadão. Ele, inclusive, pediu em 26 de fevereiro último uma CPI sobre o assunto e voltou ao tema no discurso de 5 de março, quando elogiou a disposição do novo prefeito, Fernando Haddad (PT), de confirmar o convênio com o governo do estado para continuar a Operação Delegada.

Resistência

Nesse clima, os únicos bailes funk que resistiram na periferia foram os realizados em recintos fechados, e ainda assim com restrições. É o caso da Balada Black, que acontece desde 2005 uma vez por mês na sede da União dos Núcleos, Associações e Sociedade dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco (Unas).

A festa sem álcool nem drogas, ironicamente patrocinada por uma indústria multinacional de bebidas, atrai centenas de jovens, boa parte menores de idade, e acaba à meia-noite. A empresa sabe que está investindo na “responsabilidade social”, mas ao mesmo tempo cultiva o mercado futuro. Afinal, se as crianças estão mais protegidas

dançando ao som de um funk “light” tocado pela DJ Gabi (ela própria de 16 anos), recebendo a visita de celebridades cariocas como MV Bill e bebendo guaraná; aqueles um pouco mais velhos (16 ou 17 anos) montam esquemas para chegar às casas de bairros chiques onde as “periquetes” sempre entram de graça e ganham cervejas, coquetéis e drogas de boyzinhos e tiozinhos interessados em deixá-las ainda mais “soltinhas”. Um desses esquemas, desmantelado depois de uma reportagem nossa (veja em <http://bit.ly/VqBofit>), levava dezenas de mulheres, com vodka à vontade nos ônibus fretados, para baladas caras no Brooklin e Itaim Bibi.

Mas nos bairros centrais, os bailes não se limitam às boates. Nos entornos das universidades privadas frequentadas por estudantes de todas as classes sociais, por exemplo, é comum ver ruas lotadas de jovens com copos de plástico nas mãos, fumaça de maconha no ar e carros com porta-malas abertos exibindo alto-falantes gigantes ligados no máximo. Em 19 de março, às 22h30, esse era o cenário da Rua Taguá, bem atrás do prédio da Escola de Direito das Faculdades Metropolitanas Unidas. Rapazes de camisa social e gravata confraternizavam com periquetes de cabelos oxigenados e shortinhos colados até bem perto das 23h, quando duas viaturas



Dj Gabi e Reginaldo Gonçalves criador da Balada Black de Heliópolis

apontaram na esquina com os giroflex ligados.

Imediatamente porta-malas foram fechados e baseados apagados. A polícia nem parou, apenas passou devagar e desligou as sirenes no final do quarteirão. Cinco minutos depois, a fumaça já subia novamente. Os comerciantes, por precaução apesar de nunca terem sido multados, começaram a baixar as portas. Com a noite fria de começo de semana e o Metrô fechando à meia-noite, os grupos começaram a se dispersar. Mas quinta e sexta-feira a história promete ser diferente.

“O que falta ao pessoal do funk na periferia é se organizar politicamente”, diz Reginaldo José Gonçalves, o criador e coordenador da Balada Black de Heliópolis. “Foi o que fizeram os rappers a partir do final dos anos 1990, conquistando o respeito da população e espaço para suas manifestações culturais até mesmo nos

grandes meios de comunicação”. De fato, o novo secretário municipal de Cultura, o ex-ministro Juca Ferreira, confirmou em reunião aberta em fevereiro que os cantores de Rap irão voltar ao centro na próxima Virada Cultural. Eles haviam sido excluídos dos principais palcos desde uma confusão envolvendo a polícia (que agrediu o público como ficou patente em dezenas de vídeos e realizou 11 prisões) durante um show dos Racionais MCs em 2007 na Praça da Sé.

A ideia de Juca Ferreira é permitir uma maior integração entre o centro e as periferias, além de uma maior ocupação dos logradouros públicos pela população para todo tipo de manifestação cultural. Agora só falta combinar com os vereadores da oposição e a PM.

* Jornalistas.

<http://www.mediaquatro.com>.



Na rua Taguá, bem atrás do prédio da Escola de Direito das Faculdades Metropolitanas Unidas, jovens aproveitam a balada do funk